

FAZ DE CONTA QUE NY É UMA CIDADE



A ideia de que a arte pode ser local de afeto, camaradagem e cumplicidade é ilustrada de uma forma agradável na minissérie em sete episódios *Faz de Conta que NY é uma Cidade*, dirigida por Martin Scorsese como uma homenagem à amiga de longas datas, Fran Lebowitz, que já participou de seus filmes – era a juíza em *O Lobo de Wall Street*.

Fran é uma escritora que ascendeu como colunista da revista de entrevistas de Andy Warhol (intitulada “Interview”) e sacramentou-se como autora de *best-sellers* sobre crítica cultural (“Metropolitan Life” e “Breve Manual de Urbanidade”). Hoje, está em bloqueio criativo não sabe mais há quantas décadas, embora conserve o mesmo olhar crítico e sardônico a respeito das mundanidades de Nova York e das mudanças culturais sociais, nas palestras públicas de que participa.

Em uma dessas palestras, mediada por Martin Scorsese, percebemos o grau de companheirismo de ambos amigos e a maneira reverente com que batem esse pingue-pongue de fatos e opiniões com os membros da plateia abarrotada em ouvir o que Fran tem a dizer. Muito, a propósito, encrustado sob a camada grossa de seu humor característico e inteligente que desestabiliza até mesmo Martin, que precisa conter a gargalhada para permanecer na posição neutra de mediador que lhe é exigida.

Além da dinâmica de bate-papo estabelecida com Martin Scorsese em um bar ítalo-americano, cujo processo de aclimação e acomodação é o ponto de partida dos episódios e apto a revelar facetas pequeninas, mas significativas, do relacionamento de diretor e homenageada, a narrativa também sai às ruas. Nelas, Fran descobre, nas calçadas de Nova York, das marcas de construção da cidade, hoje “pisadas” por habitantes apressados em seus compromissos para só contemplar ou turistas que olham apenas para cima, aos arranha-céus da cidade.

A perspectiva da cidade em função do cidadão, não o contrário, está em compasso com a Fran que caminha, cuidadosamente, pelos rios que recortam a maquete de Nova York e identifica, em pontos de interesse, memórias de vida. Diferentemente do monstro gigantesco que emerge das águas e subjuga a cidade em caos e destruição, a Fran dessas cenas é gentil: mistura o sentimentalismo da lembrança, a sua comicidade, à ideia de que não a cidade que molda o indivíduo, na perspectiva coletivista, mas o indivíduo que molda a cidade, na perspectiva individualista, com uma conotação positiva.

A Fran através do olhar de Martin Scorsese é fonte inesgotável de história, de fatos e opiniões, não só sobre nova-iorquinos, mas também sobre arte e cultura, esporte



Martin Scorsese e Fran Lebowitz estrelam a minissérie “Faz de Conta que NY é uma Cidade”.

e lazer, transporte público, idade e modernidade, literatura etc. São elementos ressaltados nos recortes de entrevistas com artistas consagrados – o ator Alec Baldwin, o diretor Spike Lee, a atriz-diretora Olivia Wilde, o apresentador David Letterman – ou objetos de registros de arquivos de quando Fran, após a onda do movimento *hippie* coincidente com as marchas por direitos civis (do movimento negro) e igualdade de gêneros (do movimento feminista), ajudava no processo de reconstrução da identidade da sociedade feito a partir de seus achados literários.

É uma minissérie multigeracional, portanto: a contemporâneos de Martin e Fran, a obra valoriza o ontem a partir de memórias e recoloca o idoso (Fran tem 70 anos; Martin, 78) no centro da ação, devolvendo a sociedade ao fluxo de respeito de outrora, em vez da pirâmide invertida da juventude como fonte do saber; aos milênicos, a minissérie simboliza a consolidação da obra da artista ou o nasci-

mento a quem ainda não estava familiarizado, ao alcance de ser redescoberta nas livrarias ou sebos, remove os preconceitos etários que porventura existam, mesmo quando adota as rabugices de Fran dentro da forma de narrativa, e inspira o surgimento de mais Frans (ou Martins).

O deleite está em observar a dinâmica de dois amigos que se conhecem bem o bastante para manter um elo de confiança estreito, uma liberdade confortável e um senso de dominância ou presença de cena em relação à forma cinematográfica que lhes permite expandir além do que a mídia limita. Você pode não gargalhar para trás na cadeira, igual faz Martin Scorsese, mesmo porque o senso de humor é particular e imprevisível, mas, por entre a aparência de palavras afiadas de Fran Lebowitz, você encontrará a sensibilidade de uma mulher que viveu/vive a ponto de enxergar, no reboco da calçada de Nova York, a própria história que se confunde com a da cidade. **❶**

Do Caderno Verde

Não é conhecimento que convulsiona a Medicina; é a ignorância e a prepotência. Medicina é fato e trato. O que se ensina é dado alumiado; ou seja, informação e iluminação. A ciência tem que iluminar o obscuro e, alinhada à filosofia, buscar o saber com a humildade do provisório.